

Sarney não cerceia Ministros,

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney considera seus Ministros liberados para apoiar os candidatos que quiserem, nas eleições de novembro, mas está disposto a tomar atitudes para a preservação da Aliança Democrática, caso a crise regional chegue ao plano nacional, afetando a estabilidade política do Governo no Congresso.

O Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto, Fernando César Mesquita, resumiu a posição do Governo sobre as eleições:

— Os Ministros não são colegiais, e nem o Presidente é um mestre-escola para dizer-lhes o que devem fazer.

O Presidente não considera indisciplina qualquer postura adotada pelos Ministros, seja o apoio do Ministro Fernando Lyra ao candidato do PSB, Jarbas Vasconcelos, ou o dos Ministros do PFL, Aureliano Chaves e Olavo Setúbal, ao candidato do PTB em São Paulo, Jânio Quadros.

— O Presidente, acrescentou Fernando César, não pode impedir que os Ministros participem da campanha, pois além de Ministros, são políticos e homens de partido.

Segundo outro assessor presidencial, o Presidente entretanto considera que os Ministros "poderiam ser mais discretos" em suas manifestações, evitando declarações que possam agravar as tensões dentro da Aliança Democrática. O Governo acompanha com atenção a crise nos Estados, mantém a disposição de não interferir nas questões regionais, reservando-se porém o direito de tomar atitudes e gestos quando isso começar a repercutir no plano nacional, uma vez que depende da Aliança no Congresso para sustentar-se politicamente a aprovar medidas de seu interesse.

Ontem o Presidente José Sarney, diante da forte reação peemedebista ao apoio de Aureliano Chaves à candidatura de Jânio Quadros à Prefeitura de São Paulo, pediu a alguns Ministros do PMDB que evitassem criticar o Ministro das Minas e Energia, até para preservar a Aliança Democrática, cuja existência começa a ser abalada por esse apoio.

Mesmo assim, alguns Ministros,

como Pedro Simon, da Agricultura, já decretaram o fim da Aliança Democrática. Segundo eles, a Aliança deverá se extinguir com a convocação da Assembléia Constituinte.

Os Ministros do PMDB reconhecem que, formalmente, Aureliano Chaves, como Presidente de Honra do PFL, tinha o direito de manifestar apoio à decisão de uma secção do partido, não apresentasse o caso de São Paulo peculiaridades que tornam a Aliança vulnerável em nível federal, a começar pela qualificação do próprio opositor de Jânio. O Senador Fernando Henrique Cardoso é Líder do Governo no Congresso e, apesar de sua intenção de deixar o cargo para disputar a Prefeitura, a sua simples confirmação na liderança demonstra o apoio expresso do Presidente da República.

Lembram que o próprio Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, principal Líder do PFL em São Paulo, recolheu-se a uma posição discreta, que nem por isso representa um recuo de seu apoio a Jânio Quadros. Assim, para eles, Aureliano cometeu a indiscrição de se imiscuir em assuntos da economia interna do PFL de Setúbal.

A candidatura de Jânio Quadros é vista pelos Ministros do PMDB como uma ameaça à estabilidade do regime democrático, por causa da perspectiva de o candidato do PTB unir-se mais tarde ao Governador do Rio, Leonel Brizola, engrossando vozes para a obstinada — dele, Brizola — defesa das "Diretas Já".

— A união desses dois demagogos, na verdade, será superficial, podendo no início um se dispor a ser Vice do outro. Mas, na hora da decisão, o personalismo os separará, adverte o Ministro da Administração, Aluizio Alves, um dos poucos que evitaram declarar guerra a Aureliano Chaves por seu apoio a Jânio.

Assessor do Palácio do Planalto, no início da noite, esclareceu que o Presidente de fato tem dado mostras de grande apreço pelo Senador Fernando Henrique Cardoso, candidato do PMDB, participando do lançamento de sua candidatura e pedindo sua permanência na liderança do Governo.

mas luta pela Aliança